

EDUCAÇÃO FRANCISCANA NO BRASIL COLONIAL: raízes e impactos

Franciscan Education in Colonial Brazil: Roots and Impacts

Douglas Rubens Nogueira¹

Resumo: A educação formal brasileira iniciou-se ainda no período colonial, com a chegada dos portugueses e a Ordem dos jesuítas, em 1549. A Ordem jesuíta não foi a primeira Ordem religiosa a pisar em solo brasileiro. Os primeiros missionários que aportaram no Brasil em 1500, juntamente aos primeiros europeus descobridores do Brasil, foram membros da Ordem Franciscana. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior sobre as Ordens religiosas presentes no Brasil Colonial e sua função na educação brasileira, tendo sido defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí, sendo requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade.

Palavras-chave: Educação; História da Educação; Franciscanos; Brasil Colonial.

Abstract: Formal education in Brazil began during the colonial period, with the arrival of the Portuguese and the Jesuit Order in 1549. The Jesuit Order was not the first religious Order to set foot on Brazilian soil. The first missionaries who arrived in Brazil in 1500, together with the first European discoverers of Brazil, were members of the Franciscan Order. This work is part of a larger research project on the religious Orders present in Colonial Brazil and their role in Brazilian education, and was defended in the Postgraduate Program in

¹ Doutorando em Ciências da Educação; Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade; Especialista em Ciências da Religião; Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, graduado em Direito e Sociologia. Orcid: 0000-0002-1090-2628. E-mail: prof.douglasrubensnogueira@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/6644830574820366>

Education, Knowledge and Society at the University of Vale do Sapucaí, and is a partial requirement for obtaining a Master's degree in Education, Knowledge and Society.

Keywords: Education; History of Education; Franciscans; Colonial Brazil.

INTRODUÇÃO

A história da educação remonta a tempos antigos, quando as primeiras civilizações começaram a organizar o conhecimento de forma sistemática. Para se entender a formação de determinada sociedade, temos de verificar as raízes de sua educação.

Este trabalho tem como um de seus objetivos, através da revisão de bibliografia, realizar um traçado de como a Ordem franciscana contribuiu para a criação do ensino formal brasileiro, bem como analisar a adaptação dessa Ordem ao novo território e de como se construíram suas ações junto à sociedade colonial, além de identificar e entender o conflito existente entre jesuítas e franciscanos no território brasileiro.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior sobre as Ordens religiosas presentes no Brasil Colonial e sua função na educação brasileira, tendo sido defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí, sendo requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade (Nogueira, 2023).

Este trabalho foi construído através de uma revisão integrativa da literatura, em buscadores como o Google Acadêmico, SciELO, Academia.Edu e Portal Capes. Neles, as buscas abrangeram termos diversos, tais como: “história da educação; educação no Brasil, Brasil colonial, jesuítas no Brasil e Franciscanos”. O material obtido foi apresentado sob diversos formatos, sendo eles: livros, sítios eletrônicos, revistas, teses, dissertações, artigos científicos e outros que puderam contribuir para com o presente objeto de estudo, de domínio público.

Durante a busca, não houve limite temporal ou territorial, tendo sido incluídos tanto materiais seculares quanto atuais, produzidos no Brasil ou no exterior.

Após a seleção dos materiais, a pesquisa bibliográfica foi realizada em “bola de neve”, proporcionando definições e revisões de teoria. O método proposto tem o propósito de construir uma contextualização dos materiais consultados, permitindo uma visão multidisciplinar sobre o tema abordado. Segundo Baldin e Munhoz (2011, pag. 49/50)

é uma forma de investigação sociocultural que exige a utilização de um conjunto de procedimentos e normas que possibilitam a organização e a produção do conhecimento. Uma via para a execução desse trabalho de pesquisa em campo em comunidades é a técnica metodológica snowball, também divulgada como snowball sampling (“Bola de Neve”). Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto.

A educação tem passado por profundas transformações ao longo dos séculos, refletindo as mudanças sociais, culturais e tecnológicas de cada época. Desde suas origens, quando o conhecimento era transmitido de forma oral e informal, até o sistema educacional contemporâneo, a evolução da educação é um retrato das necessidades e valores da sociedade.

Luzuriaga (1985) defende que estudar a história da educação é uma forma de analisar a própria cultura, uma vez que a educação se faz como veículo da cultura. O autor define educação como uma série de influências dada de forma intencional e sistemática sobre o infanto-juvenil, com o propósito de formá-lo e desenvolvê-lo. A educação, portanto, se constitui como parte integrante e substancial da vida do homem enquanto ser social.

A educação é um campo dinâmico que continua a evoluir, moldando-se conforme as demandas e desafios da sociedade

contemporânea. A compreensão de sua trajetória nos permite não apenas valorizar o que foi conquistado, mas também refletir sobre os caminhos que ainda podemos trilhar.

1. ORIGEM E PRINCÍPIOS FRANCISCANOS

Francisco de Assis, fundou a Ordem dos Franciscanos no século XIII. A Ordem trouxe como pilares para sua construção a penitência, mendicância e a pobreza. A Ordem foi inicialmente formada por Francisco de Assis e outros seis companheiros, tendo deles se originado as regras que foram usadas na criação da Ordem as quais posteriormente foram apresentadas ao Papa Inocêncio III, tendo sido aprovadas no ano de 1209, a aprovação ocorreu apenas de forma oral. Foi o Papa Honório, no ano de 1223, que aprovou a regra, por meio da bula *Solet Annuere*.

Araújo (S.D), ensina que:

São Francisco de Assis nasceu no dia 5 de julho de 1182, na cidade de Assis (Itália, com o nome de Giovanni di Pietro di Bernardone. Era filho de um comerciante italiano de nome Pietro di Bernardone dei Moriconi e de sua esposa Pica Bourlemont, e tinha origens francesas. A família fazia parte da rica burguesia de Assis, e tinha prestígio no nome e nas posses financeiras. Era chamado pela família de "Francesco" nome cuja origem ainda hoje não foi determinada. Francisco cresceu e se tornou popular entre seus amigos devido à sua vida rebelde, às extravagâncias, bebedeiras, pelas suas roupas caras, por esbanjar dinheiro e ter paixão por aventuras. Tinha o desejo de ser "herói" e por isso alistou-se, em 1202 como soldado na guerra de Assis contra a Perugia.

Recebeu seu chamado em Assis, durante uma farras com os amigos, onde foi tocado por Deus e desde então começou a perder o interesse pelas farras, dinheiro, riquezas, posses, etc, passando a se preocupar com os mais necessitados e em fazer a vontade de Deus, servindo-o através da doação total e incondicional da sua vida.

A Ordem Franciscana foi criada como uma Ordem que assumia a missão de viver e pregar o evangelho e não como uma Ordem Clerical, ou seja, uma Ordem que existiria sem sacerdotes. São Francisco determinou que seus seguidores passariam a ser chamados de "frades

menores”, o termo “menores” assentia como os membros deveriam se ver e viver, sendo a pobreza uma das características da Ordem.

Rupolo (2010, p.11), explica que:

Indiscutivelmente, a fraternidade, um valor humano, tem, no sentido franciscano, vínculo na fé. Compreendendo a proposta do Evangelho para a vida cristã, Francisco de Assis percebeu o distanciamento da organização da Igreja com essa proposta. Contrariamente ao costume de grupos religiosos, na época isolados em conventos e mosteiros, sua forma de vida era estar com as pessoas em seu ambiente familiar, de trabalho e na sociedade. Trata-se de uma forma relacional direta e afetiva. Esse relacionamento tem implicações na compreensão da pessoa que, na prática, gera a fraternidade. Ideal de ordem social franciscana, a fraternidade criou uma nova dinâmica relacional: a irmandade.

Francisco de Assis teve a experiência de possuir bens e de sentir sua falta absoluta. Introduziu um elemento novo na vida social da Idade Média para o sentido da pobreza: saber repartir. Elemento complementar da fraternidade, a pobreza é entendida como uma postura pessoal de liberdade.

Ao longo de sua historiografia, A Ordem franciscana sofreu diversas subdivisões, como a Ordem dos Frades Menores, Capuchinhos e Conventuais. Mantendo a pobreza como princípio basilar.

A primeira Ordem Franciscana foi a Ordem dos Frades Menores, em seguida, surgiu a Ordem das Damas Pobres, posteriormente, a Ordem Franciscana Secular, tendo uma característica que a dissociava das demais Ordens cristãs, uma vez que seus membros podiam contrair matrimônio e leigos em teologia eram aceitos, desde que conhecessem e aceitassem os princípios da Ordem.

2. HISTORIOGRAFIA DA ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL E O CONFLITO COM OS JESUÍTAS

Henrique Soares de Coimbra foi o primeiro missionário a pisar em terras brasileiras, juntamente com Pedro Álvarez Cabral, em 1500, tendo sido um célebre missionário na Índia e África. Era franciscano do

Convento de Alenquer, um dos primeiros conventos da Ordem dos Frades Menores fundado em Portugal, celebrou a primeira missa em terras brasileiras, no dia 26 de abril de 1500. À comitiva religiosa, contava também com Frei Gaspar, Frei Francisco da Cruz, Frei Simão de Guimarães, Frei Luiz do Salvador, Frei Masseur, Frei Pedro Neto, e Frei João da Vitória. (Miranda, 1969).

Jaboatam (1858, p.8), ensina que:

[...] sendo assim, entre todas as Ordens de Religiosos, os primeiros que não só descobriram, e pisaram a terra do Brasil e Novo Mundo; mas também os que a santificaram, primeiro que todos, com o tremendo Sacrifício do Altar; eles os primeiros que semearam nela, e plantaram a semente da Pregação Evangélica.

Iglesias (2010, p. 2), explica que coube aos franciscanos a educação indígena.

A Ordem franciscana contribuiu tanto com autoridades do campo espiritual como secular para a missão evangelizadora cristã católica; especializou-se na tarefa missionária não só pela práxis, mas, sobretudo, pela preparação intelectual para as Missões em instituições criadas para esse fim; seus membros tiveram respeitável participação na obra de recristianização da Península Ibérica durante o processo de reconquista daquele espaço europeu perdido para os árabes; os frades do ramo da reforma Observante consolidaram sua hegemonia dentro da Ordem sobre o ramo conventual na fase final da reconquista da Espanha para a qual colaboraram decisivamente; os frades franciscanos Observantes foram os responsáveis pela direção da reforma das Ordens religiosas e do clero em geral estabelecida pelos Reis Católicos na Espanha; foram os primeiros a conduzir um projeto missionário colonizador sob o comando da Coroa Espanhola nas Ilhas Canárias; foram escolhidos pela Santa Sé e pela Coroa Espanhola para a direção das Missões americanas no período inicial de colonização desse território; foram os frades franciscanos derivados da reforma Observante espanhola que se estabeleceram na missão oficializada da Ordem no Brasil.

Os franciscanos construíram conflitos por onde passaram. Na trajetória da Ordem pelo Brasil, o principal conflito ocorreu com os

missionários da Ordem dos Jesuítas, tais conflitos desembocavam na expulsão de uma das Ordens no território do conflito

Conforme explica a Professora Iglesias (2010, p.35),

No Brasil esses conflitos aconteceram logo nos primeiros anos de colonização, durante os trinta anos de atividades missionárias franciscanas na Paraíba (1589-1619), quando por decreto do Rei Felipe II, os jesuítas tiveram que abandonar as Missões do Braço do Peixe e entregá-las aos franciscanos. Em 1640, em São Paulo, em conflito com os colonos e a câmara, devido à defesa da causa indígena, os jesuítas foram intimados a se retirar da capitania para onde só voltaram em 1653, treze anos depois – fato que eles remetem à ajuda dos franciscanos que permaneceram missionando naquela região. Em 1640, no Rio de Janeiro, pelo mesmo motivo, o povo e a câmara se uniram contra os Jesuítas, e os padres foram expulsos por horas da cidade, mas puderam voltar mediante declaração de que só se envolveriam com a administração dos índios em suas aldeias. Em 1661, no Maranhão e Grão-Pará, os jesuítas, inclusive o Padre Antonio Vieira, foram expulsos pela primeira vez para o reino, tendo voltado um ano depois. Finalmente, em 1684, foram expulsos pela segunda vez do Maranhão; todavia, o Regimento das Missões de 1686 restituiu aos jesuítas não só as antigas Missões, mas também seu governo espiritual, temporal e político na região.

O conflito por terras e questões ideológicas ligadas ao processo escravocrata eram as maiores causas de conflito. Sangenis (2018) escreve que “Modos de agir diversos levam também a formas de pensar e de sentir igualmente diversas. Há um modo de ser no mundo franciscano e há um modo de ser no mundo jesuítico. Um não é melhor do que o outro”. As autoridades intervinham utilizando o critério da antiguidade territorial, mantendo no território disputado a Ordem que primeiro se instalou.

Nesse sentido, Sangenis (2019)

As duas ordens atuavam na educação e no ensino, uma parte dos seus membros dedicava-se à pesquisa e à erudição, escrevendo obras primas nas diversas áreas e tornando-se especialistas extraordinários. A aprendizagem das línguas indígenas foi o fundamento de qualquer conversão de indígenas, assim que nas duas ordens encontram-se, dependendo das capacidades individuais, 'línguas' de excelente qualidade. E as relações dos religiosos das duas

ordens com os indígenas sempre foi ambígua: por um lado os missionários colaboraram com as autoridades seculares e apoiaram a conquista, a colonização e o combate aos indígenas, por outro lado, também assumiam lugares e atitudes de defesa dos seus direitos e interesses.

Uma vez que a história é escrita em parte pelos olhos pessoais do autor. Sangenis (2006, p. 66 a 70) explica que os responsáveis pela escrita de documentos oficiais, tendiam a minimizar ou maximizar erros e acertos das Ordens, conforme tais autores eram adeptos a uma das Ordens, apontando os defeitos e erros da Ordem oposta à sua.

Iglesias (2010, p. 37), sobre esse assunto acrescenta:

A falta de análises mais detalhadas sobre as fontes documentais levou os historiadores a deixarem de lado alguns aspectos que lhes pareceram insignificantes ou sem valor. Um desses aspectos diz respeito à boa organização dos jesuítas e à preocupação em relação à sistematização da sua história em contraposição, notadamente, aos franciscanos, que não se preocuparam em documentar e nem mesmo preservar suas fontes documentais. Por não atentarem para tais questões, os historiadores passaram a reproduzir sem maior criticidade e até mesmo preconceito os fatos e dados propiciados pelas abundantes fontes jesuíticas, contribuindo, dessa forma, para a manutenção da hegemonia dos jesuítas, que, foi construída pelo relevante embate travado no campo ideológico entre as Ordens religiosas que atuaram no Brasil no Período Colonial e que permaneceram perpetuadas na historiografia brasileira.

Sangenis (2006, p. 66 e 70), ainda sobre esse assunto explica que:

Enquanto as imprecisões talvez se justifiquem pela falta de informação sobre a matéria tão complexa, os preconceitos e as omissões são devido às paixões que tolheram o espírito crítico de autores de crônicas, relatos, cartas e demais documentos de época, assim como dos pesquisadores contemporâneos. Não foram poucas em que se rotulou a atuação franciscana no Brasil como ineficaz, escravagista, cerceadora da liberdade dos índios, antijesuítica, pró-colonial.

[...] Apenas refletem a má vontade dos autores de aprofundar seus estudos em direção ao que ultrapasse a Companhia de Jesus, seja para falar bem quanto mal. É como se bastasse a referência aos jesuítas, tratados como representantes máximos da ação missionária e protótipos dos missionários, para dar conta do capítulo que sempre deve tematizar a catequese dos índios e dos colonos. Em geral, nos textos didáticos, o exemplo

jesuítico é considerado suficiente, não havendo motivo para tratar das demais ordens religiosas, sem incorrer em “redundâncias” de um texto que deve cobrir ainda tantas outras coisas.

Os jesuítas, tinham uma preocupação com o registro e arquivamento de seus documentos, levando seus hábitos educacionais e administrativos, serem ricos em detalhes, trazendo uma facilidade no estudo de sua atuação na colônia. A abundância de tais registros, contudo, não fomentam a exclusividade na historiografia da educação brasileira frente aos jesuítas. Ainda há de se observar o entendimento dos autores Sangenis (2006) e Iglesias (2010), onde descrevem a influência ideológica na escrita dos documentos basilares do estudo da história da educação brasileira, observando também um quantitativo de documentos jesuíticos, superior aos franciscanos ou outras Ordens aqui atuantes no âmbito da educação formal.

Gilberto Freyre (1959, p. 15), a respeito dos educadores franciscanos, ressalta que:

Não há novidade nenhuma em dizer-se da gente brasileira que uma das influências decisivas em sua formação vem sendo a da Igreja, nem que, dessa influência, a que aqui madrugou, para nunca mais deixar de fazer-se sentir sobre essa mesma gente, ora de modo mais intenso, ora com menor vibração, foi e é a franciscana.

Aprender a língua local era fundamental para qualquer Ordem que missionava no território, à época existiam muitos idiomas utilizados entre as diferentes aldeias, por esse motivo, em ambas as Ordens se encontravam grandes linguistas, eles cumpriam a missão de ensino e tradução das línguas.

A influência das Ordens Franciscana e Jesuítica permanece presente na educação atual, a de se notar a presença de escolas das Ordens nos dias atuais, além das escolas dirigidas por Marianos, Salesianos, Beneditinos e diversas outras escolas confessionais.

3. A EDUCAÇÃO FRANCISCANA

A práxis escolar desenvolvida pela Ordem Franciscana e praticada no Brasil desenvolveu-se juntamente a prática da ocupação territorial. A catequese de conversão ao cristianismo foi um pilar fundamental dessa educação. A educação catequética foi utilizada como ferramenta de domínio do território.

A práxis escolar implantada pelos Franciscanos, na primeira fase da colonização, foi sofrendo adaptações devida a características do cristianismo. Foi um trabalho fundado em bases sólidas do cristianismo franciscano. O método ficou conhecido como mediações teóricas-práticas das atividades pedagógicas, tendo como plano de fundo os princípios catequéticos. Os franciscanos buscavam métodos de ensino que entendiam mais adequados no trabalho educacional em cada situação concreta e em cada grupo particular, não se mantendo uma prática de modelo fixo a toda Ordem e a qualquer campo social. Criou-se uma educação particular a cada grupo e momento, com técnicas e recursos pedagógicos adaptados, viabilizando a melhor prática educativa possível naquele momento.

Rupolo (2010, p.10) explica que:

O pensamento franciscano, presente em diferentes culturas e países, é também a escolha referencial para o projeto educativo franciscano. Essa escolha justifica-se por sua concepção humanista e por gerar expectativa e possibilidade de realização e desenvolvimento humano. A forma de vida franciscana tem sua história pautada nos bons costumes e no cultivo do saber. Observa-se que o valor do conhecimento está vinculado ao saber. Como refere Francisco de Assis, o estudo serve não unicamente para saber como falar, mas para viver melhor, e aquele que aprendeu, por sua vez, tem o dever de ensinar aos outros para que também sejam felizes.

A educação no colonial aplicada no Brasil não deve ser entendida como um objeto fim, uma vez que foi além de instrumento de conversão, fixação e colonização das novas terras. A metodologia franciscana foi

empregada em toda a América, onde a Ordem se fez presente, elaborando uma educação permanentemente mutável, e fixada com a função da educação geral institucionalizada, uma vez que o ensino teve a função de gerar uma educação socializadora e de mediação de ensino específico.

Saviani (2007) ensina que, para entender melhor essa questão, é preciso se entenda a atividade pedagógica como um trabalho intelectual.

[...] o tema 'trabalho didático na história da educação' corresponde ao modo como, ao longo da história, foi realizada a atividade educativa. Mas por que "trabalho didático" e não "trabalho pedagógico" ou, de forma mais abrangente, "trabalho educativo"? Essa preferência põe em foco a identificação entre educação e ensino, o que se manifestou desde que a atividade educativa se destacou do processo de trabalho, propriamente dito, deixando de ser apenas uma atividade espontânea para se converter num processo sistemático de formação das novas gerações, entendida como a transmissão dos conhecimentos considerados necessários para a vida em sociedade. Emerge, daí, a questão didática que ao longo de milênios se exerceu praticamente, sendo alçada ao plano claramente consciente apenas no século XVII de nossa era. Mas essa elevação ao plano consciente requer o concurso da pedagogia, cuja origem Jaeger localiza nos sofistas, quando o fazer da educação se eleva ao plano da idéia consciente [...]. Sendo a educação sistemática um processo de formação das novas gerações pela via da transmissão dos conhecimentos considerados necessários à sua inserção na vida da sociedade, compreende-se que o trabalho didático seja determinado pela forma de organização da própria sociedade.

Com a inauguração do Convento de Nossa Senhora das Neves, na cidade de Olinda, em 1585, ficou caracterizado a presença em definitivo da Ordem Franciscana no Brasil. A Ordem mantinha o interesse de sediar dentro de seus conventos, escolas e cursos, mantendo dentro de suas instalações cursos para os aspirantes ao sacerdócio e fora dos conventos mantinha-se as escolas de ensino regular.

Frei Jaboatão (1858), explica que com a chegada dos frades em Olinda, iniciou-se a catequese dos indígenas, tendo em 1586, fundado

um internato para as crianças indígenas, ensinando-as a doutrina cristã, leitura, escrita, música e números. As crianças indígenas em processo de internato era uma ferramenta franciscana de grande valor, uma vez que serviam de tradutores, durante as viagens até outras aldeias, sendo assim, fundamentais para a missão de conversão dos demais indígenas. Jabotão ainda explica que a música era a matéria mais apreciada pelas crianças indígenas, em razão de sua percepção e criação cultural. Algo parecido foi vivenciado pelos jesuítas, uma vez que os indígenas em suas missões, se deslumbravam com a oratório dos jesuítas, muitas vezes confundindo-os, ao pensarem que a observância atenta se dava pela matéria catequética ensinada.

Catequização, conversão e educação são processo equivalentes, segundo um consenso entre os historiadores, mesmo que essa conceituação não seja o equivalente para estudiosos da educação e pedagogos. Segundo Iglesias (2010, p. 337), “Em cada Convento ou Fundação franciscana na América se construía ou se dedicava um espaço para a escola – escola aqui entendida como espaço dedicado a promover o ensino-aprendizagem.”

Segundo Willeke (1961, p.87), em todas os territórios que os franciscanos se estabeleciam, surgia-se uma capela e uma escola, e que os frades “gozavam de tanta fama de educadores que o povo nortista até hoje os chama de Padre Mestre”.

Como explicou Frei Conceição, as escolas de primeiras letras eram frequentadas pelos catequizandos indígenas, sendo construídas entre a igreja e o mosteiro. O Frei Apolinário Conceição metrificou que no ano de 1740, haviam 29 conventos.

As escolas franciscanas atuavam em regime de internato, destinando-se apenas aos meninos indígenas, se mostrando uma educação excludente. Como descreve Iglesias (2010, p.346) as escolas eram o local de estudo principalmente dos filhos dos chefes indígenas, os

frades eram os professores, mantendo uma dupla função de ensino e conversão religiosa.

Frei Jaboaão (1858) salientou que em 1718, na Província do Norte, a de Santo Antônio, funcionavam aulas gratuitas nos conventos de Serinhaém, Cairu, São Cristóvão, Penedo, Alagoas e Igarassu. Essas escolas recebiam da Coroa aporte financeiro, a título de retribuição.

Percebendo a falta de membros da Ordem, para cumprir as obrigações da missão em terras brasileiras, o frei Manuel da Ressureição, em 1739, enviou a Coroa Portuguesa um pedido de aumento do número de franciscanos, a justificativa foi a necessidade de mestres para o ensino da gramática e demais atividades nos conventos, à época haviam 236 religiosos registrados e que atuavam em terras brasileiras. No ano de 1740, a Coroa Portuguesa autorizou que o número de religiosos chegasse a 400, número que rapidamente se mostrou insuficiente. Uma nova solicitação de permissão para aumento do quadro de membros da Ordem foi feita no ano de 1779, os argumentos utilizados foram os mesmos, necessidade de mestres e de membros para a manutenção da Ordem.

Frei Apolinário deixou registrado que, em 1733, se ensinava gramática em quatro conventos no sul, onde hoje são as cidades de Macacu e Cabo-Frio, no Rio de Janeiro; e Taubaté e Itu, interior de São Paulo, onde se ensinava a letras e números. No ano de 1740, Frei Apolinário da Conceição escreve sobre a criação de mais uma escola, mas não pontua sobre o local da construção, frei Basílio Röwer (1947) acreditava que se tratava do Convento de Vitória.

Segundo Frei Venâncio Willeke (1961, p. 87),

Enquanto as escolas dos jesuítas de preferência visavam às cidades, as escolas dos franciscanos beneficiavam o interior, onde os padres seculares na qualidade de capelães dos engenhos de açúcar instruíam tão somente os filhos da chamada 'Casa Grande' ficando, porém, os povoados dependentes da caridade dos filhos de São Francisco.

Os franciscanos e jesuítas divergiam no entendimento social da mulher, uma vez que eram aceitas como franciscanas, mas não como jesuítas, contudo, a educação feminina foi castrada, mesmo pelos franciscanos, uma vez que era pautada apenas nas atividades de manutenção e constituição da família.

Iglesias (2010, p. 265) explica que:

O ensino oferecido nos centros femininos não tratou de conhecimentos culturais, mas sim da instrução da fé e dos bons costumes. Sua finalidade era proteger a honra da mulher indígena, bem como formá-la de acordo com o Cristianismo para que depois influenciasse socialmente a família com os valores cristãos adquiridos. Ainda que se encontrem alguns relatos nos quais se possa supor que algumas meninas aprenderam a ler não se tratava de formar mulheres instruídas, por rudimentar que fosse a instrução, mas de proteger as jovens do comércio e prepará-las para os deveres como esposas e mães.

Iglesias (2010, p. 338) ensina que, as escolas franciscanas separavam momentos para a instrução dos momentos para conversão religiosa, onde percebeu-se o primeiro movimento de separação entre o ato de educar e catequisar, mesmo dentro de um mesmo espaço físico.

A maioria das escolas mantidas pelos franciscanos, uma vez que fundadas em missões, ensinavam apenas as primeiras letras e números, contudo, Rower (1942) explica que existiu outros níveis de ensino praticados pelos franciscanos no Brasil Colonial, sendo eles, escolas primeiras, ensino secundário e superior, sendo este último para a formação dos frades menores.

Rower (1942, p.42) ainda lembra que:

Convém ter presente que a pobreza da Ordem não permitia aos Religiosos cursarem a Universidade de Coimbra, como os sacerdotes seculares o faziam frequentemente. Somente um ou outro Padre da Província do norte estudou na Europa. Tinham, pois, os nossos sacerdotes de se preparar para o ministério ou especializar-se em algum ramo de ciência aqui mesmo no Brasil, e fizeram-no proficientemente. É sabido quanto se admirava D. João VI ao ouvir orar os Franciscanos, por encontrar tanta eloqüência em homens que nunca tinham saído do Brasil. O

saber dos grandes mestres, que no correr dos tempos ornaram as Províncias franciscanas do Brasil, aproveitou primeiro aos próprios confrades, mas aproveitou também, em larga escala, aos seculares, principalmente depois da expulsão dos Jesuítas.

Os franciscanos apenas se apossaram do ensino superior após a expulsão dos jesuítas das terras de Portugal. Por designação, os franciscanos se incumbiram da administração e do ensino em todas as escolas que pertenciam aos jesuítas, além de serem responsáveis pela criação de diversas outras. Encontramos na temática do ensino superior oferecido pelos franciscanos, como demonstrado por Tania (2010, p. 330), uma das grandes discussões historiográficas da educação colonial brasileira. Tania afirma que “não havia escolas franciscanas específicas para esse nível de educação. O que não significa que não houvesse o ensino do mesmo”. Pois o ensino superior, a própria pesquisadora defende, já era uma realidade em diversas escolas franciscanos.

Miranda (1969, p.206, 207) explica que:

Quanto ao ensino secundário, propriamente dito, só no século XVIII, quando da expulsão dos jesuítas, é que os franciscanos foram chamados, em 1759, por Dom Francisco Xavier Aranha, de Pernambuco “a abrir aulas nos Conventos do Recife e Olinda, evitando assim que os rapazes estudantes perdessem o tempo”. Os estudos secundários para leigos estabelecem-se progressivamente em Conventos franciscanos, e mesmo em aldeias de índios como vimos.

E sobretudo nos cursos de Filosofia, e cursos superiores que os vemos prestando cooperação e serviço inestimável. Em 1776, os estudos superiores no Convento do Rio de Janeiro, abrangiam como estudantes não só clérigos franciscanos, também seminaristas do clero secular, e leigos que acorriam ao curso franciscano deixando vazias as aulas régias. Constituíam tais estudos franciscanos um Curso Público Superior de matérias literárias, filosóficas e teológicas, o primeiro no gênero, e com estatutos aprovados por Alvará régio de 11 de junho de 1776. Era uma espécie de universidade, onde se ensinavam a História Eclesiástica, o Grego, o Hebraico, a Retórica, a Filosofia, a Teologia dogmática, a Teologia moral, Exegética, e onde é introduzido o ensino oficial das línguas francesa e inglesa.

Os estabelecimentos franciscanos que mantinham o ensino superior, ministravam Filosofia ou Artes e Teologia e funcionavam nos Conventos onde existiam Seminários. A ensino superior se destinava à formação dos frades, assim como dos chamados leigos (pessoas que não faziam parte da Ordem). Os franciscanos mantinham regras bem severas sobre sua administração e ensino.

Rower (1942, p.450) explica sobre os horários que deviam ser seguidos dentro dos seminários.

4 horas da manhã: levantar, estudar. (No inverno às 5h.). 5h: horas menores do Ofício divino. (No inverno às 6h.). Missa no altar da Conceição, “para os Colegiais se afeiçoarem a esta devoção e a tomarem por Patrona de seus estudos”. 7h: classes. (No inverno às 8h.), estudo por uma hora. 11h: jantar 2h: da tarde até 4h. classes, uma hora de recreio. 5h: vésperas e completas, ladainha de Nossa Senhora (cantada nos Sab.), estudo. 7h: ceia. Em seguida reparações três dias da semana, nos outros, conferência moral pelo Prelado. 9h: Matinas, Laudes, oração mental, dormir. O leitor vê que o horário era muito “puxado”. Levantar às 4 e deitar às 10 ½ só permitia cinco horas ou cinco horas e meia de repouso.

O cargo de professor, dentro da Ordem Franciscana, exigia estudos rigorosos. Os candidatos passavam por seletivas, conforme o grau de docência que concorria, as mesmas eram convocadas e presididas pelo Ministro Provençal, dentro das casas capitulares. Os candidatos aos cargos de docência eram avaliados na didática e na capacidade de defesa de teses. A arguição ia além das matérias compreendidas ao cargo pleiteado, exigia-se conhecimentos sobre teologia, filosofia, latim e direito canônico.

Miranda (1969, p. 225) ensina que:

Das determinações estatutárias anotamos que os Mestres que tivessem lido Gramática 6 anos, com aproveitamento dos seus discípulos, gozavam dos privilégios dos Lentes de Filosofia, e obtinham precedência acima da que tinham anteriormente. Os Lentes que tivessem lido Filosofia por 3 anos, precediam a todos os pregadores que não tivessem 12 anos de púlpito e 25 de hábito, e durante o tempo de sua Leitura sentavam-se abaixo

do Presidente do Convento. Os Lentes que tivessem lido Filosofia por 3 anos e Teologia, também, por 3 anos, tinham precedência entre os pregadores de 12 anos de púlpito e 25 de hábito. Os que tivessem lido Filosofia por 6 anos e por igual tempo a Teologia precediam os Definidores que ainda iriam terminar os 12 anos de Leitura.

A rigorosa formação franciscana visava alcançar a formação para o correto exercício da missão. Esses rigores eram estabelecidos não só para os professores, mas também os discentes.

CONCLUSÃO

Reconhece-se que no Brasil Colonial muitas Ordens religiosas se fizeram presentes, como os Franciscanos, os Jesuítas, os Carmelitas, os Beneditinos e Mouros, além das religiões nativas e nas trazidas juntamente dos escravizados, todas as religiões tendo contribuído para a educação presente na época.

A Ordem Franciscana e Jesuítica, fixaram significativas contribuições para o cenário educacional à época. Jesuítas e Franciscanos contribuíram para a História do Brasil, para além de sua base religiosa. Muitos historiadores, ainda apontam o lado obscuro da ideologia aplicada no Brasil, como o uso da mão de obra escravizada, tanto de indígenas como de negros, e a castração cultural originária.

Apesar das limitações do contexto colonial, a educação franciscana ajudou a moldar as bases do sistema educacional no Brasil, influenciando não apenas a formação religiosa, mas também a cultura e a sociedade em sua totalidade. Devemos compreender que o esforço pedagógico dos franciscanos foi pensado e planejado. Os franciscanos entendiam que o conhecimento era ferramenta que poderia aproximar os fiéis do Criador, o que possibilitava não apenas o entendimento da ação divina, por meio da leitura, mas também a compreensão da teologia, das ciências humanas e da terra.

A educação franciscana no Brasil Colonial ia além da simples catequese. Desde sua chegada, os frades se dedicaram ao ensino de conteúdos formativos. No contexto do projeto de colonização português, tanto a evangelização quanto a educação visavam o controle social dos povos nativos. Junto a esse objetivo, a prática educativa da Ordem franciscana preservou a estrutura de ensino que já havia sido desenvolvida em outras expedições. A disseminação da cultura europeia entre os indígenas, juntamente com a educação, fundamentou e sustentou os valores que se buscava implantar, para que os nativos, ao serem cristianizados e educados moral e intelectualmente, pudessem adotar os ideais cristãos, que diferiam consideravelmente das tradições que seguiam antes da chegada dos portugueses. A contribuição dos franciscanos para a educação colonial brasileira, por meio de seus métodos de evangelização e ensino, deu origem a sistemas educativos que, embora tenham se transformado ao longo do tempo, continuam a servir como referência para a educação no Brasil.

Foi apenas após a expulsão dos jesuítas que a Ordem franciscana se destacou mais na educação brasileira, assumindo os colégios anteriormente administrados por eles, aproveitando sua infraestrutura e ensinando aos alunos. A educação franciscana apresentou diferentes níveis de ensino, mantendo uma prática rígida e excludente, sendo a primeira a dissociar a educação da catequização.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. P. **São Francisco de Assis**. InfoEscola. Disponível em: https://www.infoescola.com/biografias/sao-francisco-de-assis/#google_vignette. Acessado em 21/09/2024.

BALDIN, N; Munhoz, E. B. Educação Ambiental Comunitária: Uma Experiência com a Técnica de Pesquisa Snowball (bola de neve). **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011

FREYRE, G. **A propósito de frades**. Salvador, Ed. Progresso. 1959.

IGLESIAS, T. C. **A experiência educativa da Ordem Franciscana: aplicação na América e sua influência no Brasil Colonial**. 2010. 408 f. Tese (Doutorado em História, Filosofia e Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

JABOATAM, F. A. de S. M. **Novo Orbe Seráfico Brasilico ou Chronica dos frades menores da Província do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858.

LUZURIAGA, L. **História da educação e da Pedagogia**. 16. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

MIRANDA, M. C. T. **Os franciscanos e a formação do Brasil**. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco. 1969.

NOGUEIRA, D. R. **História da Educação Brasil Colonial: Presenças Religiosas e Supremacia Jesuítica**. Veranópolis, RS: Diálogo Freiriano, 2024.

ROWER, B. (1942). **A Ordem Franciscana no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes.

RUPOLO, I. Espiritualidade e Valores Franciscanos: Contribuições para a Educação. **VIDYA**, v. 29, n. 2, p. 9-18, jul/dez., 2009 - Santa Maria, 2010.

SANGENIS, L. F. C. **Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SANGENIS, L. F. C. Presença franciscana e supremacia jesuítica no campo da história e da história da educação na época colonial - um diagnóstico na pesquisa historiográfica a partir da análise dos CBHE da SBHE. **Rev. Bras. Hist. Educ.** 19 • 2019.

SANGENIS, L. F. C. O Franciscano e o Jesuíta: tradições da educação brasileira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 691-709, abr./jun. 2018.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados. 2007.

WILLEKE, V. Escolas franciscanas do Brasil. Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, ano V, n. 1, p. 81-93, 1961.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

NOGUEIRA, D. R. EDUCAÇÃO FRANCISCANA NO BRASIL COLONIAL: raízes e impactos. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 10, n.º 23, jan-jun/2025, p. 07-26.